



Artigos Originais

Representações cotidianas sobre o consumo de drogas: um estudo entre jovens de Santo André, SP, Brasil

Everyday representations on drug consumption: a study among young people of Santo André, SP, Brazil

Fernanda Cristina Campos¹

Cassia Baldini Soares²

Célia Maria Sivalli Campos³

Sheila Aparecida Ferreira Lachtim⁴

Vilmar Ezequiel Santos⁵

¹Graduanda em Letras, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, SP, Brasil

²Professora Associada, Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, SP – Brasil

³Professora Dra., Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, SP – Brasil

⁴Enfermeira da Estratégia Saúde da Família, Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo, SP, Brasil

⁵Doutor em Ciências, CAPS AD II Santana, SP – Brasil

RESUMO -Valores sociais que cercam o consumo de drogas estão predominantemente fundamentados em regras morais, que retroalimentam a intolerância ao usuário, incentivam sua discriminação e “justificam” sua responsabilização individual. Buscando compreender como esses valores se expressam, o objetivo deste estudo foi apreender e analisar representações cotidianas relativas ao consumo de drogas de jovens de diferentes grupos sociais. Trata-se de pesquisa qualitativa, cujos dados foram obtidos através de questões abertas de 84 entrevistas, realizadas em 10 instituições de Santo André, SP, Brasil. Os resultados indicam representações homogêneas sobre os usuários em todos os grupos sociais, reconhecidos como sujeitos “problemáticos”; as diferenças ficaram por conta da atribuição de responsabilidade social sobre o consumo “problemático”, sendo, primordialmente, o indivíduo responsabilizado no grupo central, a família no quase-central, e a ausência do Estado no periférico. O que sobressaiu com relação ao grupo quase-periférico foi a designação da igreja como instituição responsável por resolver o problema. Prevaecem valores individuais e de intolerância.

Palavras-chave: Valores Sociais; Juventude; Usuários de drogas.

ABSTRACT -Social values that surround drug consumption are mainly based on moral rules that nurture the intolerance towards users, their social discrimination and “justify” the assumption of their individual responsibility. In order to understand how these values are expressed, the aim of this study was to identify and analyze everyday representations related to drug use of young people from different social groups. It is a qualitative research whose data were obtained through 84 in-depth interviews, conducted in 10 institutions of Santo André, SP, Brazil. The results indicate homogeneous representations assigned to users in all social groups, recognized as “problematic”. Differences were due to the allocation of social responsibility over the “problematic” being the individual considered the main responsible in the central group, the family in the near-central and the absence of state in the peripheral group. What stood out in the almost-peripheral group was the attribution of main responsibility to solve the problem to the church. Individual values and intolerance prevail.

Keywords: Social Values; Youth; Drug Users.

1. INTRODUÇÃO

Esta investigação tomou como objeto as representações cotidianas de jovens sobre o consumo de drogas, para a compreensão de valores sociais associados a esse fenômeno. Partiu-se do pressuposto de que as complexas mudanças sociais contemporâneas corroboram com uma crise de valores - transição entre valores estabelecidos e novos valores que sustentam as mudanças aceleradas impostas pelas necessidades de reprodução do

Autor correspondente
Vilmar Ezequiel Santos

Associação para o Desenvolvimento da Medicina,
CAPS AD II Santana.

Rua Conselheiro Saraiva, Santana
02037-020 - Sao Paulo, SP - Brasil
Telefone: (011) 29500803

Email: vilmar.santos@uol.com.br

Artigo encaminhado 06/04/2013

Aceito para publicação em 18/05/2013

capitalismo, atingindo diferentemente as classes sociais¹.

Valores como coletividade, solidariedade e espaço público têm sido substituídos, cada vez mais, por valores individualistas, de competição e de propriedade privada, que retroalimentam a lógica do mercado¹, pois, como afirma Birman², “a única coisa que importa para aquele [o capital], no seu imperativo de lucratividade, é a sua reprodução”.

A juventude é um dos segmentos sociais mais atingidos por essa crise, chegando mesmo a se falar em uma crise dos jovens³. Entre os jovens concentram-se os maiores índices de desemprego, distribuídos desigualmente entre as diferentes classes sociais; o mercado de trabalho é mais perverso para aqueles sem instrução, sem experiência, ou que habitam os bairros mais distantes e empobrecidos⁴. Relatório da OIT atesta que, no final de 2010, 12,7% da população jovem mundial (ou 75 milhões de jovens), estava desempregada. Ao longo de 2011, porém, esse número apresentou ligeira queda que, no entanto, foi decorrente da desistência da procura de trabalho pelos jovens e não da diminuição de jovens desempregados⁵.

A população jovem tem sido tratada na mídia pelo envolvimento, ora como autora, ora como vítima, em atos de violência, com aumento expressivo de atos cometidos por jovens de classe média².

Nessas circunstâncias acredita-se que o fenômeno produção, distribuição e consumo de drogas – lícitas e ilícitas –, da forma como tem se configurado na contemporaneidade, seja decorrência da combinação perversa entre o imperativo de reprodução do capital e a necessidade de resposta aos desgastes a que os jovens vêm sendo submetidos; ao mesmo tempo a droga é capaz de produzir lucros inimagináveis em curto prazo e também de mitigar desgastes, à medida que proporciona prazer imediato ao usuário¹.

A droga é um produto que se coaduna com os valores contemporâneos de fugacidade e de enaltecimento do prazer imediato, e “vem se colocando como uma opção [...] para mitigar os desgastes advindos do desemprego e da flexibilização do trabalho, da desproteção social e da substituição dos laços de solidariedade pelas armadilhas da competição¹”.

De maneira geral o consumo de drogas é um fenômeno socialmente interpretado a partir de valores que retroalimentam a intolerância aos usuários de drogas e incentivam sua discriminação, à

medida que a responsabilidade e a culpabilização pelo uso recaem sobre o usuário e sua família.

Estudo de Lachtim⁶, no entanto, mostrou que essa interpretação não é homogênea entre jovens de diferentes grupos sociais. Entre jovens com maior acesso a bens materiais e imateriais, moradores das regiões centrais, mais ricas do município de Santo André, o consumo de drogas, tanto lícitas quanto ilícitas, era tolerado e considerado como escolha individual, em perspectiva alinhada a valores liberais. Já entre jovens com pouco acesso a bens, residentes em bairros periféricos, o consumo de drogas estava bastante identificado com a dependência de drogas e as respostas sociais esperadas por eles eram de internação para tratamento ou repressão policial.

A partir da heterogeneidade constatada por Lachtim⁶, pretendeu-se neste estudo apreender e analisar representações cotidianas de jovens de diferentes grupos sociais, por referência ao consumo de drogas.

2. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Este trabalho se fundamenta em construções teóricas advindas do campo da Saúde Coletiva. Toma, portanto, por referência uma explicação interdisciplinar que procura relacionar uma determinada compreensão sobre o consumo de drogas na atualidade, uma perspectiva teórica sobre juventude e um conceito sobre valores sociais¹.

O consumo de drogas assume particularidades no contexto da sociedade capitalista respondendo a um conjunto de novas necessidades que se naturalizam nas relações com os objetos de consumo. Nessa perspectiva, compreende-se que as drogas foram adquirindo todas as características de mercadoria, inseridas que estão na dinâmica mais geral do capitalismo⁷. Portanto, a busca por essas substâncias guarda relação com as novas formas de subjetivação que se constituem no processo de transformações por que passa a vida social⁸.

A juventude também se torna alvo da sociedade de consumo⁹ vista como mercado potencial em expansão que relaciona determinadas mercadorias a necessidades de ascensão, competência e de satisfação das sensações. Também as formas mais difundidas de conceber a juventude, como fase ou período de transição, para a “vida adulta” dificultam o desenvolvimento de uma consciência mais crítica da realidade social.

Juventude foi neste estudo compreendida como categoria social, ou seja, analisada a partir dos fundamentos da formação social. Nessa perspectiva,

compreende-se coexistir na sociedade várias juventudes, distintas pela posição que os jovens ocupam na divisão social do trabalho. Dessa forma, a juventude não é uma condição homogênea e os jovens, mesmo fazendo parte de uma mesma geração, passam por diferentes processos de reprodução social e, portanto, de sociabilidade¹⁰.

Valores são constituídos no processo de socialização através das principais agências de formação identitária dos sujeitos e de aprendizado das normas sociais, como a família, a escola, a mídia e o trabalho¹¹. Os valores, que são sociais por essência, reproduzem a ideologia dominante na sociedade¹², mas também manifestam aspectos da realidade concreta dos grupos sociais, marcando diferenças de classe social. Estão “engendrados no processo de humanização a partir das necessidades e da capacidade das coisas de satisfazê-las”, de forma que os valores são atribuídos às coisas na medida da potência que elas têm para responder necessidades. A partir de Lukács, os valores seriam, então, orientadores das escolhas humanas¹. Muitas necessidades, no entanto, são engendradas pelas necessidades do capital de se reproduzir. As drogas vão se conformando como um objeto incorporado de valores, em sintonia com os desígnios do capital¹.

Segundo Viana¹³, as escolhas são realizadas coerentemente à consciência, ou seja, à percepção que se tem da realidade. Essa consciência é expressa por meio das representações cotidianas.

As representações cotidianas podem expressar um falseamento da realidade, o que representa uma forma passiva de consciência que torna natural os processos que se constituem na vida social. Pode representar a alienação nos objetos ou mercadorias que são investidas de fetiche¹⁴ dificultando a percepção do valor do trabalho humano embutido a partir do processo de produção. Também as representações são reais, ou seja, expressam as diferenças concretas que se fazem presentes na vida cotidiana. Dessa forma, são heterogêneas nas diferentes classes sociais, uma vez que os indivíduos adquirem a consciência por meio das relações e das atividades que estabelecem, e essas estão subordinadas à divisão social do trabalho. Portanto, se o indivíduo tem relações limitadas, sua percepção sobre a realidade poderá ser também limitada e essa será a característica expressa nas suas representações cotidianas. O indivíduo tem acesso à percepção de apenas parte da realidade, revelando “consciência ilusória e limitada da totalidade social, em função do lugar que ocupa no processo produtivo. No entanto, apesar das diferentes classes apresentarem desiguais

representações cotidianas, há também “um elemento geral que perpassa todas as classes sociais¹³”.

As representações cotidianas são expressas por meio de opinião ou por meio de convicção. Para Viana¹³ convicções são definidas como formações sólidas incorporadas à estrutura de caráter dos indivíduos, podendo assumir a forma de valores, diferentes de respostas opinativas, descompromissadas. Busca-se nas convicções identificar o que é essencial no discurso de sujeitos sociais, indivíduos ou grupos^{13,15}.

Os valores sociais se expressam diversamente entre as diferentes juventudes, pois são estruturados e incorporados desigualmente. Compreende-se que o estudo dos valores sociais através das representações cotidianas entre as juventudes pode expor tanto o componente da ideologia dominante, que apresenta a realidade como natural, quanto o componente mais concreto, que os remete às diferentes formas de reprodução da vida social. Assim, possibilita a formulação de consciência mais crítica quanto aos processos de exploração e opressão presentes nas relações de trabalho e na vida em geral. Pretende-se observar, então, como as juventudes representam valores associados ao consumo de drogas, considerando as diferenças quando se deparam com as condições de reprodução social.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de estudo de natureza qualitativa. A população do estudo foi constituída por 84 jovens, entre 20 e 24 anos.

As perguntas do roteiro da entrevista apresentadas neste espaço versavam sobre o que o jovem pensava a respeito do consumo de drogas (drogas que conhece, as que os jovens usam mais, as que julga mais e menos perigosas, as que circulam no bairro onde mora), do consumidor (por que usam drogas, o que pensa do consumidor, quanto e onde os jovens usam drogas no bairro) e do que a sociedade poderia fazer a respeito das drogas.

Os locais de estudo foram escolas, centros de formação profissional e clubes do município de Santo André, SP; de quatro regiões socialmente desiguais do município, estabelecidas em estudo preliminar. Essas regiões foram nominadas Central (C), Quase Central (QC), Quase Periférica (QP) e Periférica (P)¹⁶. Proporcionalmente ao número de jovens moradores em cada uma dessas regiões, foram entrevistados 14 jovens da região C, 21 da QC, 23 da QP e 26 da P.

Os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, dando

cumprimento aos preceitos éticos legais da lei 196/96, sendo o projeto aprovado em dois Comitês de Ética em Pesquisa.

A análise do material seguiu as orientações de Viana¹³ para representações cotidianas, fundamentadas na teoria marxista da consciência, tornando sua utilização coerente com a perspectiva teórico-metodológica desta investigação.

Ainda que sob influência da análise de conteúdo tradicional, procurou-se observar o sentido dos textos recortados a partir da interlocução com o sentido mais geral do discurso dos entrevistados, sem fragmentá-lo em categorias linguísticas, mas representacionais da maneira de pensar do grupo social e não da perspectiva individual. Essa aproximação dialética possibilitou descobrir convicções dos grupos sociais sobre o consumo de drogas e revelar seus valores e crenças sobre o fenômeno.

4. RESULTADOS

Os resultados serão apresentados de acordo com as representações manifestas nos discursos dos entrevistados.

5. SOBRE O USUÁRIO DE DROGAS

Houve uma comunalidade de representação do usuário de drogas, como "pessoa influenciável", "cabeça fraca", "desamparado pela família/sem estrutura familiar", "irresponsável", "carente", "inconsciente", "frustrado com a vida/sem perspectiva de vida", "não pensa em si mesmo". Como motivação para o uso a comunalidade foi "problema psicológico", "influência", "fuga dos problemas", "diversão", "para chamar a atenção".

Esses caracterizadores dos usuários e de suas motivações para o uso de drogas dizem respeito à perspectiva dominante a respeito do usuário, que perpassa todos os grupos sociais. No entanto, foram também identificadas diferentes percepções do fenômeno uso de drogas entre os entrevistados.

No grupo C identificou-se presença de posição de cunho individualista mais intensa que nos outros grupos, responsabilizando-se majoritariamente o indivíduo pelo uso de drogas.

E92 – é muito complicado, acho que vai de cada um, acho que é a personalidade da pessoa de dizer não, (...) em colocar um ponto final. Porque é uma coisa que não é uma coisa que você consome, ela te consome. É muito complicado.(...) Cada um tem o seu motivo, talvez não seja definido. Eu posso falar de mim, o meu foi por uma carência muito grande no lado emocional,

pelo fato da minha mãe, pelo fato de eu querer entender uma pessoa que deveria me amar muito sendo indiferente comigo.

Já no grupo QC o usuário de drogas foi identificado como "idiota", "besta", "isolado", "tímido", "horrível", "inconveniente", "nojento", "ridículo", "vulgar", "desocupado", "atrasado na vida", entre outros adjetivos negativos. Houve predomínio de falas atribuindo à droga o poder de destruição e associando o seu uso com a morte pré-anunciada do usuário. Nesse grupo, além da culpabilização individual pelo uso de drogas, a família também foi responsabilizada, conforme expressam os excertos abaixo:

E12 - ah, eu acho uma perda de tempo. Se está fumando lá para frente você vai se complicar. (...) se bebe agora é para se complicar depois... Você está bebendo para perder seu fígado. Você não está fumando para correr mais, para ter mais resistência. Você está fumando é para perder a sua resistência, perder o seu pulmão. (...) usar droga, tem que ser muito besta. Os moleques (...) de baladinha querem causar só... (...), beber também... ficar bêbado... eu não bebo não. Bebo cerveja... umas duas latinhas... mas só para...eu também sou besta, para falar que bebi. Mas nada demais.

E74 - (...) ah, eu acho que elas deviam dar valor na sua própria vida, né, dar valor na sua família... porque muitas vezes quem faz isso tem condições financeiras, eu acho que elas não dão valor a nada, só pensam... nem pensam, né. Gostam disso, o motivo não sei e eu acho que eles estão... são um atraso de vida.(...) acho que estão fugindo da realidade. Chegam em casa... não tem nada o que fazer, não tem um agrado do pai, um agrado da mãe, então... procuram um agrado na droga...(...) por causa que... como eu faço faculdade tem bastantes pessoas assim... e você vê que a pessoa tem uma condição financeira boa mas não tem a atenção do pai, a atenção da mãe, faz o que quer, então não tem alguém que reprima, que fale – não faz isso que está errado -, então eles fazem isso talvez no começo para chamar uma atenção, aí vê que não chama e acaba viciando. (...)

No grupo QP a maioria dos entrevistados verbalizou que o indivíduo usa drogas por escolha própria, que é uma pessoa que "não tem amor à vida", é "revoltado", "ingrato com os pais", "doente", "viciado". Entrevistados desse grupo verbalizaram

conhecer usuários de drogas que moram nas vizinhanças de suas casas e que os veem matando, roubando e usando violência para conseguir comprar drogas. Neste grupo social continuam culpabilizando o indivíduo e a família pelo uso de drogas, e considerando a droga como substância destrutiva. Consideram a igreja como “salvadora” dos usuários de drogas.

E45 – eles têm que ver no coração deles que têm que parar de fumar porque (...) no momento que você está fumando um cigarro, tipo, você está matando o cigarro e o cigarro está te matando aos poucos, então é muito triste isso de fumar(...). Bebida é um vício que destrói a vida das pessoas, quando elas estão viciadas elas começam a vender as coisas, não estão nem aí pra nada, é triste (...) As que usam droga tem mais diferença porque é mais forte, e (...) quem usa droga é capaz de matar seus pais, violentar as pessoas, é horrível, então a droga é mais pesada. (...) Porque, pode ser a convivência, podem ser os amigos, porque se a gente andar com os amigos que usam droga, é lógico que a gente vai querer experimentar pra ficar igual, porque se eu estou naquela rodinha eu tenho que fazer tudo o que eles estão fazendo, então elas experimentam e vai gostando e aí vicia e já era. Bebe porque elas têm algum problema e acham que a solução é fumar, é beber, ou se drogar, e elas depois não conseguem sair desse vício. (...) [vai levar essa pessoa] pra morte. Pra destruição da família.

E53 - ah, eu penso que essas pessoas que usam droga... que elas não estão usando por elas, que não é elas que querem, mas que é difícil para elas, (...) estão na rua usando drogas, outras passam (...) olham e não dão a mão, não levantam a pessoa... não chamam para ir em uma igreja, para conhecer a palavra de Deus... eu acho que é bem difícil para elas.(...) ah, isso aí eu acho que é o destino já que prepara eles para fumar, beber... porque inclusive minha mãe fuma, meu pai, meu irmão... mas eu não acho correto eles usarem isso... Eu acho que é uma coisa que já vem dentro deles...

Entre jovens do grupo P também o usuário de drogas foi bastante desqualificado. Como motivação para o uso de drogas também foram atribuídas questões vinculadas ao indivíduo e a sua família, como em outros grupos sociais. Porém, este foi o único grupo social que entrevistados associaram o consumo de drogas também à falta de oportunidades para os

jovens, traçando relações com suas condições concretas de vida – falta de emprego, má qualidade do ensino, entre outros, como mostram os excertos abaixo:

E66 - Um, porque vão pela cabeça dos outros, pra experimentar, falam que é bom, a sensação ótima, outras fazem por... pela vida meio assim, porque às vezes... pelo menos as pessoas que eu conheço, falam ‘ah, eu não arrumo emprego, a vida está uma droga, eu não gosto disso’, então vai se envolvendo, vai se envolvendo, aí eles roubam pra usar a droga porque trabalho não tem no caso, o governo já não dá oportunidade pra gente, então aquelas pessoas ficam alucinadas, porque precisam. (...) Ah, é que nem eu falei, né? O desgosto, alguns é vendo o pai batendo na mãe, o pai alcoólatra, os problemas sociais, não tem emprego, não tem escola (...) boa que nem as particulares, tem as públicas. Sempre eu acho que é isso, né? O bom e o mais ou menos. Então eu acho que é bem por aí... tem muito preconceito, porque é preto, (...) várias coisas, eu acho que tudo contribui, às vezes agente acha que é mínimas coisas, é poucas mas quando agente vai ver (...)

6. SOBRE O QUE A SOCIEDADE PODERIA FAZER A RESPEITO DAS DROGAS

Assim como na anterior, foi possível apreender nesta representação convicções que expressaram valores semelhantes perpassando os quatro grupos e outras que se diferenciaram entre os entrevistados dos diferentes grupos.

Nesta questão é comum a todos a perspectiva proibicionista, de criminalização do uso e a sugestão de ações de cunho repressivo por parte da polícia.

Quanto às diferenças na interpretação do fenômeno, no grupo C os jovens entrevistados sugeriram que o Estado fornecesse mais informações para o usuário e para as famílias, por meio de aulas e palestras, com o intuito de convencer os indivíduos a não usarem drogas, apresentando-as como inimigo oficial dos jovens.

Quando mencionaram, nesse grupo, a legalização das drogas foi para se declararem contra - “viraria festa”, “perderia o controle”, “se legalizasse a maconha terá que legalizar todas as outras drogas também”. Um dos entrevistados mencionou a legalização das drogas como alternativa para o “controle” do uso de drogas, justificando que seria uma estratégia para “vencer uma guerra”. Diversos entrevistados citaram a Holanda como um país que

tem essa estratégia como política pública, informação essa não verbalizada por entrevistados de nenhum dos outros grupos. Os excertos abaixo ilustram as afirmativas acima:

E2 - acho que não adianta legalizar (...). O pessoal se espelha muito na Holanda, lá é legalizado. Lá tem o lugar certo. (...) o povo fala que se legalizar maconha vai ajudar, eu acho que não vai ajudar. Porque aí outras drogas eles vão querer legalizar... a cocaína... Se já conseguiram a maconha, por que não podem conseguir a cocaína? Então, acho que não resolve em nada querer legalizar ou não. (...) a sociedade não, acho que a família poderia perguntar mais, ter uma boa conversa em casa para saber se o filho gosta ou não gosta. Se gosta... teria que ir em palestras, em auto ajuda... para saber que é prejudicial à saúde, que é ruim.(...) [Poder público ajudaria] dando palestras, acho que é isso. Ajudar as pessoas que usam droga, que estão ali na rua... ir em uma casa para ajudar, para tratamento. (...) o poder público está um pouco ausente.

E79 - Bom, acho que só colocar aí no papel não pode, né? Então, leis... ninguém respeita nada. Por exemplo, é proibida a venda de bebidas para menores de 18 anos, ninguém respeita isso. Porque o cara que tá vendendo lá, ele quer vender. Não importa pra quem. (...) Então, cê tem que fiscalizar, tem que multar, sabe? Fazer a pessoa, principalmente hoje, as pessoas sentem no bolso, né? Aí quando aperta o bolso... mas acho que... intensificar a lei, né? É, aumentar a cobrança. Fiscalizar mais, a sociedade cobrar mais das pessoas.

No grupo QC percebeu-se grande descrença e desvalorização do papel que a sociedade poderia ter nesta questão, ao mesmo tempo em que o entrevistado não se percebe como parte da sociedade, sugerindo uma posição destituída de crítica. Da mesma forma que no C, verbalizou-se que a alternativa seria pela estratégia da educação para os jovens e suas famílias, também numa perspectiva doutrinante. A família é a instituição mais presente nos discursos desses jovens, que a responsabiliza pelos problemas. Afirmam que ela deveria ser instrumentalizada, em grupos de apoio, para que conseguissem cuidar do usuário. A repressão foi uma estratégia bastante sugerida pelos entrevistados desse grupo, como mostram os relatos abaixo:

E12 - a sociedade não tem que fazer nada. Quem tem que fazer é o pai e a mãe dos

moleques aí... e os políticos aí... começar a dar cadeia mesmo. (...) Pegou fumando, cadeia. Maconha na esquina, você vai preso, já era. (...) sociedade é a comunidade assim... Eu moro na rua, o que eu posso fazer pelo meu vizinho, entendeu?...(...) não posso fazer nada por ele, só lamento. Só posso lamentar por ele, se ele é drogado... como eu não sou, não tenho nada a ver, não posso fazer nada. Falar não vai adiantar, já falei com meus amigos. Não adianta. Quem pode fazer não sou eu. Quem pode fazer é o pai.

E15 - eu vou ser bem clara, para mim tinha que ser tudo legalizado. Eu acho, para mim teria que ser... (...) ah, mas não tenho uma explicação (ri)... Porque... pelo fato assim: o governo poderia (...) se aprofundar mais em partes sociais, de recuperação dos adolescentes, das pessoas que utilizam droga. Agora, não adianta a gente viver em um país que tem droga rolando a solta às escondidas. E ficar indo nas favelas, matando um monte de gente por causa de umas benditas drogas, que fuma quem quer. (...) Deveria ser tudo legalizado e o governo fazer programas de viciados, no caso pessoas viciadas, para estar recuperando essas pessoas. Fazer uma recuperação, fazer uma reciclagem..., não fazer essa palhaçada que está fazendo.

No grupo QP, como nos outros dois, a estratégia da educação doutrinante para os jovens, com aulas e palestras, foi a mais citada, acompanhada pela internação em clínicas e a repressão policial. A igreja foi a instituição mais indicada como centro de recuperação. Vários foram os depoimentos que refletiram a impotência da sociedade civil a respeito das drogas, identificando o momento atual com uma “guerra perdida”.

E37 - Orientar os filhos, né? Eu acho que o pai tem que mostrar pro filho já desde pequeno. Ah, é difícil isso daí, né? Eu acho que também é sorte, os pais têm que ter sorte pro filho não cair, depois que caiu já era, né? (...) Orientar, mas o responsável verdadeiro mesmo é quem está usando, né? Então vai de cada um. (...) Ah, eu acho que se catasse com droga assim, desse uma cana de uns 3 anos aí, eu acho que aí adiantaria. (...) É difícil, né? Isso daí todo mundo ganha, né? (...) Ah, em relação à droga, eu vou te falar, eu acho que igreja também é muito bom, pra incentivar a pessoa a ir pra igreja desde cedo também é bom. (...) Evangélica assim ia ser boa. Não sei, escutar uns louvor, né? Mas é só isso daí mesmo. Eu acho que igreja é uma

das coisas que ajudam. (...) Então a igreja e a família são duas coisas importantes.

Os depoimentos dos entrevistados do grupo P expressaram mais os desgastes a que os jovens estão submetidos, consequência da ausência do Estado para aprimorar aspectos sociais como educação e saúde de qualidade, lazer, entre outros. Geralmente o Estado se faz presente nesses espaços por meio de ações de repressão da polícia. Para este grupo social a alternativa mais citada para os jovens não se envolverem com o “mundo das drogas” foi a ocupação com trabalho, cursos, atividades de lazer, para que os jovens não fiquem na rua, local considerado perigoso.

Foi verbalizada a dificuldade de enfrentamento do problema por conta dos interesses que estão em torno do consumo de drogas, no depoimento E68.

No discurso dos entrevistados desse grupo foi manifestado também o pensamento utópico de se acabar definitivamente com as drogas.

E6 - abrindo as portas de emprego, porque (...) se você está abrindo as portas de emprego quer dizer que você vai estar tirando muitas pessoas da rua, vai estar tirando muita gente da beira da sarjeta, não vai ter mais aquele negócio – ah, não tenho nada para fazer, vou dar um rolê por aí -, então você vai estar dando muita oportunidade para as pessoas que quer trabalhar mas não tem oportunidade. (...) Muitas coisas que o governo fala que vai fazer... tem que se cumprir, muita coisa. (...) cursos, cursos...

E68 - é difícil, né? porque a sociedade é um todo, e uma parte não quer fazer parte

da sociedade... então... não sei muito o que dá para fazer. (...) a parte usuária da droga... (ri)... e a parte fornecedora também, [não querem participar da sociedade]. (...) a sociedade perdeu mais fiscalização, aí a polícia começou a se ajuntar com eles... que eles ganham um dinheirinho extra... O povo pediu as escolas de final de semana, aí eles vão lá usar na escola de final de semana... Ah, então não sei, não sei de verdade. Porque qualquer coisa que a sociedade tenta fazer eles dão um jeito para se colocar dentro daquilo que a sociedade está impondo (...) os fornecedores, os usuários... quem está contribuindo e está ganhando com isso. (...) Acho que uma das coisas assim que seria primordial seria o Brasil se fechar um pouco também. Brasil é muito aberto a tudo, tudo que vem, entra. Eu acho que Brasil deveria se controlar mais nesse aspecto. (...) Minha tia mesmo, ela não tem nenhuma dúvida. Se ela vê usando, ela liga para a polícia, ela não está nem aí, ela ainda dá o nome, endereço... tudo bonitinho... (...) está participando do controle...

7. SOBRE A PERICULOSIDADE DAS DROGAS

Para expor essas representações, as respostas foram agrupadas em três blocos – o primeiro referindo que todas as drogas são perigosas, pois fazem mal de alguma forma; o segundo identificando que existem drogas mais perigosas do que outras, cuja avaliação de periculosidade é feita, por parte dos entrevistados, pelo grau de dependência que podem causar ao usuário; e o terceiro (a minoria dos entrevistados), pela facilidade de acesso à substância. Conforme mostram os quadros 1, 2 e 3, respectivamente.

Quadro 1 – Todas as drogas são perigosas. Santo André, SP. Brasil, 2008.

	Entrevistados que responderam/ Total	Consideram todas as drogas perigosas
Central	15 entrevistados/15	5 respostas (E1, E2, E78, E79 e E81)
Quase Central	16 entrevistados/21	2 respostas (E9 e E10)
Quase Periférica	20 entrevistados/23	8 respostas (E38, E42, E45, E46, E49, E50, E51 e E61)
Periférica	24 entrevistados/27	4 respostas (E6, E23, E64 e E69)

Quadro 2 – Drogas mais e menos perigosas a partir do grau de dependência que pode causar. Santo André, SP. Brasil, 2008.

	Mais perigosas	Menos perigosas
Central (10,6% dos 75 respondentes)	Heroína, cocaína, álcool, crack.	Maconha, cigarro, álcool, nenhuma.
Quase Central (14,6% dos 75 respondentes)	Cocaína, ecstasy, crack, LSD, heroína, álcool.	Ecstasy, maconha, cigarro, nenhuma.
Quase Periférica (14,6% dos 75 respondentes)	Crack, cocaína, coca , álcool.	Álcool, maconha, cigarro, nenhuma.
Periférica (21,3% dos 75 respondentes)	Cocaína, crack, ecstasy, pedra, álcool, LSD.	Maconha, álcool, cigarro, farinha, nenhuma.

Quadro 3 - Drogas mais e menos perigosas a partir do acesso a esta. Santo André, SP. Brasil, 2008.

	Mais perigosas	Menos perigosas
Central (2,6% dos 75 respondentes)	Álcool (1 resposta).	Heroína (1 resposta).
Quase Central (4% dos 75 respondentes)	Álcool (2 respostas), cocaína (1 resposta).	Cigarro (2 respostas), maconha (1 resposta).
Quase Periférica (1,3% dos 75 respondentes)	Álcool (1 resposta).	Nenhuma (1 resposta).
Periférica (5,3% dos 75 respondentes)	Álcool (3 resposta), crack (1 resposta), cigarro (2 resposta).	Nenhuma (1 resposta), maconha (1 resposta), cocaína (1 resposta) heroína (1 resposta).

Dentre os respondentes (75 jovens), apenas 19 disseram que todas as drogas eram igualmente perigosas. Porém, cerca de 40% dos respondentes que tinham essa opinião, eram jovens do grupo periférico, resposta que guarda coerência com a atribuição do poder de destruição das drogas, pelos jovens respondentes desse grupo, convicção provavelmente desenvolvida pela vivência desses jovens a situações desse tipo no bairro onde vivem, dadas as condições de profundo desgaste a que estão submetidos, consequência das suas condições de reprodução social.

Quanto aos que reconhecem as drogas mais e as menos perigosas, 46 jovens entrevistados (61%), acreditavam que o indicador de periculosidade da substância é o potencial grau de dependência que ela produz no usuário, numa relação diretamente proporcional, é considerada mais perigosa a droga com maior potencial de produção de dependência no usuário.

Dentre os respondentes, 39% foram os que associaram a periculosidade das drogas ao fato de serem lícitas ou ilícitas, sendo consideradas mais perigosas as drogas ilícitas, como pode ser verificado nos excertos abaixo. No entanto, dentre esses houve também alguns entrevistados, a minoria, que julgavam mais perigosa a droga a que os usuários tem

acesso mais fácil, como mostra o quadro 3, tanto pelo preço quanto pela sua condição de legalidade. Para esses as drogas lícitas foram consideradas mais perigosas do que as ilícitas, especialmente as mais caras, como heroína e cocaína.

E17 (QC) - apesar de eu não fumar nem beber, eu acho que aí é de cada um. Eu acho que não tem nada de mal, desde que a pessoa tenha consciência. Infelizmente hoje não é assim. Eu não fumo porque para mim, para a minha saúde, não faz bem. Mas eu acho que desde que a pessoa fume ou beba consciente, que saiba parar no seu limite, que não seja dependente, se ela acha que para ela está bom... Agora, já droga mais pesada eu sou totalmente contra. Eu acho que é desperdiçar a vida (...) ah, qualquer drogas que sejam ilegais... apesar do fumo e do álcool também ser uma droga, mas... eh... eu acho que essas ilegais, que provocam mais dependência, que muitas vezes a pessoa deixa a vida dela, social, familiar, porque está dependente de um vício, eu sou contra. (...)

E46 (QP) - Com relação às drogas ilícitas é diferente, se a pessoa está nessa daí ela precisa de ajuda. (...) Na verdade tudo estraga, mas acho que o cigarro e cerveja é normal, é do dia a dia, você está andando na rua e você vê uma pessoa fumando, você

está passando em frente a um bar tem gente tomando cerveja, então é uma coisa que a sociedade já aceitou no geral, mas de resto aí já é mais complicado.(...) De maconha em diante, o resto já fica diferente, (...) é mais pesado, né? Que a pessoa já se torna dependente, é uma doença, né? Porque a

pessoa precisa daquilo ali, não faz bem, então ela precisa de ajuda.

8. DROGAS – O QUE CONHECEM E ONDE USAM

As respostas que compuseram essa temática foram sistematizadas no quadro 4.

Quadro 4 – Relação de drogas mais conhecidas, que mais usam e local de uso por grupo social. Santo André, SP. Brasil, 2008.

	Central	Quase Central	Quase Periférica	Periférica
Mais conhecidas	Maconha, LSD, Ecstasy, Cocaína, Lança perfume, haxixe, cola de sapateiro.	Maconha, Cocaína, Heroína, Crack, Ecstasy, LSD, lança perfume, anabolizantes, haxixe, mesclado, freebase.	Cocaína, Crack, Ecstasy, Maconha, Heroína, Haxixe.	Maconha, Cocaína, Crack, Cola de sapateiro, Álcool, Cigarro, Mesclado, Ecstasy, LSD, Heroína, Haxixe.
Mais Usam	Maconha, Ecstasy, Cocaína, Álcool, Cigarro.	Maconha, Álcool, Ecstasy, Cigarro.	Álcool, Cigarro, Ecstasy, Maconha, Anabolizante, Cocaína, Crack, Lança perfume	Cocaína, Crack, Maconha, Cola de sapateiro, Cigarro, Álcool.
Onde Usam	Balada, Festa, Faculdade.	Balada, Raves, Show, Rua.	Balada, Faculdade, Escola, Favela.	Favela, Vuelas, Campo, Praça pública, Bar, Banheiro, Escadão, Rua, Festa, Laje de casa, Balada, Rave.

Há várias semelhanças entre os grupos com relação ao conhecimento das drogas pelos jovens e também no que diz respeito às drogas mais usadas. Porém há drogas que são mais características de determinados grupos sociais e nesse caso estão associadas, provavelmente, ao custo. O Ecstasy, por exemplo, não foi mencionado como a droga mais usada no grupo P, assim como a cola de sapateiro e o crack não foram mencionados nos grupos C e QC. Observou-se também que o consumo de álcool aparece no grupo P como sendo a droga que menos consomem, no grupo QP como a mais consumida e nos grupos centrais em segundo e quarto lugar. Esse dado pode sugerir que a importância dada ao consumo de álcool relaciona-se à experiência que vivenciam no cotidiano de determinadas regiões, uma vez que já é sabido que o álcool é uma substância consumida com maior aceitação na sociedade atual. Pode sugerir também que o consumo problemático atinja em especial determinados grupos, ficando outros menos afetados.

As diferenças entre os grupos sociais também se mantêm quando se trata dos locais onde os jovens

usam as drogas. O consumo em festas e baladas sugere estar mais vinculado aos grupos centrais assim como o consumo de drogas sintéticas. Já os jovens entrevistados dos grupos QP e P citaram a escola e a favela como lugares de compartilhamento e uso de drogas. Essas diferenças apontam para formas de consumos, tipos de drogas e contextos distintos em razão das diferenças de reprodução social.

9. SOBRE HISTÓRIAS DE CONSUMO DE DROGAS

A maioria dos entrevistados dos grupos periféricos (QP e P) relatou alguma experiência com o consumo de drogas, pessoal ou de conhecidos. Já nas regiões C e QC poucos referiram conhecer experiências de usuários, especialmente de drogas ilícitas, o que novamente pode estar associado às características da vida desses jovens, que nos bairros mais periféricos estão submetidos a situações de maior desgaste, como por exemplo o envolvimento com tráfico e em situações de maior risco e por isso suas histórias de envolvimento com drogas são mais conhecidas do que as de jovens de regiões mais centrais do município.

Portanto, é inegável que a inserção social do jovem determina as diferentes características das substâncias consumidas e do local onde as utilizam, e como decorrência, serão desiguais as situações nas quais se envolvem.

10. DISCUSSÃO

Compreende-se que o processo da constituição dos valores é histórico, socialmente construído durante a socialização humana e que, coerentemente à divisão social, reflete interesses de classes, ainda que crivados pela ideologia da classe dominante¹².

Como no caso dos valores que esses jovens atribuíram ao trabalho¹⁷, encontrou-se semelhantemente neste estudo valores dominantes que se repetiram em todas as respostas da entrevista e foram comuns a entrevistados de todos os grupos sociais.

Exemplo dessa comunalidade foi a representação do usuário de drogas como indivíduo frágil, irresponsável, sem força de vontade para decidir os rumos da própria vida.

Essa representação de usuário de drogas é a adotada pelo modelo da “guerra às drogas”, que tem por objetivo persuadir os indivíduos a não experimentarem drogas e reprimir os que as usam, pela via do julgamento moral e por meio de estratégias que disseminem o temor das consequências desse consumo, principalmente aquelas advindas de envolvimento com situações ilegais¹⁸.

Essa representação do usuário de drogas induz ao aumento da intolerância a ele e à sua discriminação. Segundo Bucher e Oliveira¹⁹, ocorre uma “separação maniqueísta do mundo em dois blocos compactos e inconciliáveis – o mundo dos bons e o mundo dos maus”, dos normais e dos “desviantes”, “cujos comportamentos são incriminados de ameaçarem a ‘ordem social’”.

O usuário de drogas foi também representado pelos entrevistados como doente, como alguém que tem um vício.

“Viciado”, em particular, contém toda uma acusação moral que assume explicitamente uma dimensão policial e política. Implicitamente, carrega uma acusação totalizadora pondo em dúvida não apenas a cidadania, mas a própria humanidade do usuário de drogas. Rotulado como “maconheiro” ou “marginal”, passa a ser visto como alguém que atenta contra a moral e os bons costumes, (...) contra as

próprias instituições, o que faz dele um ser antissocial. Vítimas de uma tal estigmatização, (...) são considerados “desviantes” e transformam-se, a partir daí, em excluídos da convivência social pacífica, em função de princípios rígidos, impostos, mantidos e manipulados ideologicamente¹⁹”.

Assim, se em um pólo estão os usuários de drogas – considerados desviantes das regras sociais, ou doentes – no outro deveriam estar os que não utilizam drogas que, por contraposição, devem ser fortes, viris, responsáveis, decididos, e por que não dizer “felizes”? Características que combinam com valores da cultura contemporânea, sinalizada por Costa²⁰ como “cultura hedonista, do prazer”, na qual a tristeza e a solidão tornam-se sentimentos que não devem existir, e se insistirem em expressar-se devem ser reprimidos.

Outra representação comum aos jovens dos distintos grupos sociais foi a relativa ao que esperavam da sociedade para o enfrentamento do fenômeno consumo de drogas. Coerentemente à representação dos entrevistados sobre os usuários de drogas, desviantes ou doentes, o que esperavam da sociedade era a continuação da proibição legal do consumo de drogas, a repressão ao consumo e o convencimento dos usuários de drogas e de suas famílias, dos malefícios das drogas, por meio de aulas e palestras oferecidas pelo “governo”.

A respeito de projetos educativos, Bucher e Oliveira¹⁹ estudaram textos utilizados em projetos de prevenção do uso de drogas e destacaram a visão repressora, moralista e autoritária encontrada no material analisado, bem como matérias divulgadas pela mídia escrita “dirigidas aos leitores com objetivos claramente persuasivos, visando a exercer influência decisiva sobre as suas representações - como, de fato, qualquer discurso de propaganda ou de publicidade¹⁹”.

Em verdade, não há razões para um posicionamento “contrário” às drogas, uma vez que estas são neutras em si. “Os eventuais problemas decorrem das condições de consumo adotadas por determinados sujeitos¹⁹”. Ter um posicionamento contrário ao uso de drogas não contribui construtivamente na solução desta questão; apenas mantém “uma postura defensiva, em prol, por exemplo, mais do “status quo” do que das mudanças estruturais necessárias para que as sociedades se tornem menos desequilibradas e injustas¹⁹”.

Essa estratégia de persuasão também foi reconhecida por Ribeiro; Pergher; et al²¹ ao

analisarem a ideologia no interior dos discursos da mídia escrita sobre o consumo de drogas.

Em contrapartida, processo educativo emancipatório mostra “que os saberes identificados com os do senso comum inicialmente trazidos pelos trabalhadores - a culpabilização individual e familiar - se complexificaram para uma compreensão das raízes do consumo prejudicial de drogas²²”.

Assim, embora tenham sido citados por jovens do grupo P alguns elementos que fazem parte das raízes do fenômeno, como a falta de oportunidades na vida (consequência da má qualidade da educação, da dificuldade de se inserir num bom emprego, etc...) e o desamparo do Estado – elementos característicos do grupo social ao qual pertencem, ou seja, representações desse grupo social – majoritariamente foram expressas representações associadas a valores preferidos pelas classes dominantes.

Dessa forma, pode-se inferir que as representações comuns aos jovens dos diferentes grupos sociais estão crivadas pelos valores das classes dominantes, forjados pelos diversos mecanismos de difusão de ideologias dessas classes, como é o caso das mídias e das diversas instituições sociais, dentre elas a escola.

11. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os valores associados ao modelo da “guerra às drogas” são hegemônicos e atravessam todos os grupos sociais, resultando em representações cotidianas moralistas e autoritárias sobre o usuário de drogas. No entanto, quando os jovens são convocados a refletir sobre a atual situação do consumo de drogas na sociedade, a partir das particularidades da vida cotidiana, é possível verificar diferenças na constituição de valores.

Para os grupos mais centrais, os valores liberais individualistas foram expressos com mais força discursiva. Esse achado pode estar relacionado à proximidade com a força e o poder de ação do capital, uma vez que os indivíduos destas regiões apresentam maiores possibilidade de consumo.

Observou-se que parte considerável do conhecimento do grupo QC vem da mídia de massa, que dissemina o modelo de “guerra às drogas”. Suas representações podem indicar valores repressivos sobre o usuário e a culpabilização da família, agência de socialização muito valorizada nesse grupo social.

No grupo QP a igreja foi considerada capaz de “salvar” jovens do “mundo das drogas”. No P, a

“ausência” de Estado em promover políticas públicas efetivas foi colocada como a principal responsável pela situação atual. Nessas regiões o Estado apenas está presente através da polícia, isto é, da repressão.

Pode-se inferir, portanto, que existem diferenças importantes entre as representações cotidianas quando se consideram as condições de reprodução social. A comunalidade entre elas são os valores associados ao “combate às drogas”, que contribuem para a constituição de convicções moralistas e repressoras. Estas, além de não solucionarem a questão, impõem um sistema desumano, que desqualifica o usuário de drogas, o alça a condição de quase não humano e desconsidera as suas possibilidades de escolha, inclusive a de continuar usando drogas. Em verdade, não há razões para um posicionamento “contrário” às drogas, uma vez que estas são neutras em si.

Nossos jovens precisam de algo mais que segurança pública e repressão. Estas medidas, já se sabe, apenas cercam o problema. Não se pode reduzir os atuais fenômenos sociais a meros problemas individuais tratados com intolerância. O que se precisa, de fato, são políticas públicas eficientes – educação de qualidade e emancipatória, saúde de qualidade, trabalho, lazer, cultura – uma vez que são sujeitos sociais capazes de tomar as próprias decisões.

Os educadores, ao invés de incentivar a intolerância aos usuários, através de sua desqualificação, poderiam dirigir sua atenção aos incomodados e desadaptados, que podem estar tentando mostrar seu descontentamento com o capitalismo, conforme demonstram as manifestações atuais de wall street, Chile, Portugal, Espanha, Grécia, e em todo o planeta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Soares CB. (Livre Docência) Consumo contemporâneo de drogas: a construção do objeto na perspectiva da saúde coletiva. Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2007.
2. Birman J. Adolescência sem fim? – Peripécias do sujeito num mundo pós-edipiano. In: Cardoso MR, Marty F (Org.). Destinos da adolescência. Rio de Janeiro: 7 Letras; 2008. p.81-105.
3. Camarano AA, et al. Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. Disponível em: <http://www.scielo.cl/pdf/udecada/v12n21/art02.pdf>. Acesso em: 15.03.2013.
4. Gracioli MM. (Tese). A concepção subvertida de futuro dos Jovens: A trajetória pelo ensino médio. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara. 2006.
5. Organização Internacional do Trabalho (OIT). OIT alerta para o surgimento de uma geração “traumatizada” por crise mundial de emprego juvenil. Genebra; 2011. Disponível em:

<http://www.oit.org.br/category/tema/emprego-de-jovens>.

Acesso em: 15 mar 2013.

6. Lachtim SAF. (Dissertação). Jovens de Santo André, SP, Brasil: um estudo sobre valores em diferentes grupos sociais. Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2010.
7. Baratta A. Introdução a uma sociologia da droga. In: Mesquita F, Bastos FI (Org). Drogas e AIDS: estratégias de redução de danos. São Paulo: Hucitec; 1994. p.21-43.
8. Birman J. Arquivos do mal-estar e da resistência. Rio de Janeiro: civilização brasileira; 2006.
9. Viana N. A dinâmica da violência juvenil. Rio de Janeiro: booklink; 2004.
10. Soares CB. Mais que uma etapa do ciclo vital: a adolescência como um construto social. In: Borges ALV, Fujimori E (Org.). Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica. Barueri-SP: Manole; 2009. p.3-22.
11. Soares CB. Agências de socialização e valores sociais: a família, a escola, os pares e o trabalho. In: Borges ALV, Fujimori E (Org.). Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica. Barueri-SP: Manole; 2009. p.61-81.
12. Viana N. Os valores na sociedade moderna. Brasília: Thesaurus; 2007.
13. Viana N. Senso comum, representações sociais e representações cotidianas. Bauru, SP: Edusc; 2008.
14. Marx K. O capital: crítica da economia política. Volume I: o processo de produção do capital. Gorender J (Apres.), Singer P (Coord. e Rev.). Regis Barbosa e Flávio R. Gothe (Trad.). Nova Cultural Ltda; 1996. Disponível em: <http://www.slideshare.net/Gabrieldibernardi/os-economistas-karl-marx-o-capital-crtica-da-economia-poltica-vol-i>. Acesso em: 20.03.2013.
15. Peixoto MA. As representações cotidianas do trabalho doméstico. In: Martins DC, Mattos IM, Soares MV. Região e poder. Editora da PUC Goiás: Goiânia; 2010.
16. Yonekura T, et al. Mapa das juventudes de Santo André, SP: instrumento de leitura das desigualdades sociais. Rev Saúde Públ 2010; 44(1):45-52.
17. Lachtim SAF, Soares CB. Valores atribuídos ao trabalho e expectativa de futuro: como os jovens se posicionam? Trab educ saúde 2011; 9 (2):277-93. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462011000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 mar 2013.
18. Canolletti B, Soares CB. Programas de prevenção ao consumo de drogas no Brasil: uma análise da produção científica de 1991 a 2001. Interface 2005; 9 (16):115-29. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832005000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 19 mar 2013.
19. Bucher R, Oliveira SRM. O discurso do "combate às drogas" e suas ideologias. Rev Saúde Públ 1994; 28 (2):137-145.
20. Costa JF. Perspectivas da juventude na sociedade de mercado. In: Novaes R, Vannuchi P (Orgs.). Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; 2004. p.75-88.
21. Ribeiro TW, Pergher NK, Torossian SD. Drogas e adolescência: uma análise da ideologia presente na mídia escrita destinada ao grande público. Psicol Reflex Crit 1998; 11 (3):421-430.
22. Soares CB et al. Juventude e consumo de drogas: oficinas de instrumentalização de trabalhadores de instituições sociais, na perspectiva da saúde coletiva. Interface 2009; 13 (28). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832009000100016&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 19 mar 2013.